

**METÁFORA NO LIVRO DIDÁTICO
DO ENSINO FUNDAMENTAL, SÉCULO XX E XXI:
UM EMBATE ENTRE SÉCULOS**

Daniela Jaqueline Tôrres Barreto (UFT)

danielajaqueline20@gmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

Neste trabalho, será verificado como a metáfora foi e está sendo discutida e abordada nos livros didáticos de língua portuguesa, do ensino fundamental. Dessa maneira, verificaremos se ocorreu ou não mudanças com relação à definição e abordagem da metáfora; para tanto, utilizaremos dois livros didáticos de língua portuguesa, sendo um do século XX e outro do século XXI. As obras a serem analisadas são as seguintes: *Português para o Ginásio* – para a terceira e quarta séries, de José Cretella Júnior, 1958, e *Língua Portuguesa*, 9º ano, da coleção "Tecendo Linguagens", de Tania Amaral Oliveira (Org.), 2012. Desse modo, ressaltamos que a obra do século XXI foi avaliada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), ciclo trienal de 2014, este livro estava sendo utilizado em sala de aula, assim como o do século XX foi utilizado em seu período.

Palavras-chave: Livro didático. Ensino fundamental. Língua portuguesa. Metáfora.

1. Considerações iniciais

A metáfora, por ser um campo instigante e produtivo, levou-nos à curiosidade de verificar se ela continua sendo abordada de forma tradicional (apenas como figura de ornamento, embelezamento, substituição de palavras) no livro didático. Dessa forma, para nossa pesquisa escolhemos confrontar um livro didático antigo, antes do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), e um atual, avaliado pelo Programa Nacional do Livro Didático, para vermos se houve ou não evolução/ progresso quanto à abordagem da metáfora no material didático.

Dessa maneira, iremos analisar a obra *Português para o Ginásio*, para a terceira e quarta séries, de José Cretella Júnior (1958), antes do

Programa Nacional do Livro Didático, ressaltamos que essa terceira e quarta séries do ginásio correspondem, atualmente, ao 8º e 9º ano do ensino fundamental, porém focaremos na 4ª série do ginásio, pois é onde aparece a metáfora. Assim, iremos fazer a comparação com a obra *Língua Portuguesa*, 9º ano, da coleção "Tecendo Linguagens", de Tania Amaral Oliveira *et al.* (2012), avaliada pelo Programa Nacional do Livro Didático, ciclo trienal de 2014.

Portanto, será feita a discussão sobre a organização e avaliação dos livros didáticos de língua portuguesa, na sequência abordaremos a metáfora na sua trajetória evolutiva e em seguida analisaremos como a metáfora é apresentada nos manuais didáticos escolhidos.

2. Livro didático e os programas avaliativos: um pouco da trajetória

O livro didático vem sendo utilizado como uma das principais ferramentas de trabalho do docente no ambiente escolar, o que desperta a curiosidade dos pesquisadores, tornando esse material didático um objeto de investigação instigante.

Dessa forma, o livro didático teve a primeira divulgação e distribuição no início do século XX, em 1937, quando foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL), responsável pelo aumento da produção, também foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) – essa comissão foi criada para analisar e sugerir livros didáticos e elaborar concursos para a criação de livros (IZIDORIO, 2012, p. 17). Dessa maneira, durante o regime militar foram criados acordos entre o Brasil e os Estados Unidos com a finalidade de disponibilizar 51 milhões de livros gratuitos, assim a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) ficou responsável por instalar bibliotecas e ofertar cursos para instrutores e educadores (IZIDORIO, 2012, p. 18). Porém, em 1971, o COLTED foi desativado e passou a responsabilidade do livro didático para a INL, também entrou em vigor o Programa do Livro Didático (PLD).

Nos manuais do início do século XX, “os textos eram ‘cuidadosamente escolhidos’ para que os alunos realizassem atividades com o vocabulário, ortografia e fatos gramaticais, partindo das ‘observações feitas pelos alunos’” (BUZZEN JÚNIOR, 2009, p. 55). Dessa maneira, os textos escolhidos ajudariam os alunos a responderem questões sobre vocabulário, ortografia e gramática; porém, percebe-se que neste período não

há uma preocupação com a leitura/entendimento do texto, sendo a interpretação textual relevante para o entendimento, argumentação e o pensar desse alunado.

Nessa perspectiva, na metade do século XX, a programação oficial trouxe orientações metodológicas que influenciaram a produção didática dessa época, o programa preconizava que as aulas deveriam ter: interpretação textual/ leitura, atividades de linguagem oral/ gramatical, vocabulário e redação (BUZZEN JÚNIOR, 2009, p. 59); assim, “os livros didáticos de português começam a se organizar com o seguinte perfil: textos para leitura (com glossário, exercícios de vocabulário, interpretação, exposição oral), conhecimentos gramaticais (exercícios de gramática) e composição” (BUZZEN JÚNIOR, 2009, p. 59). Dessa forma, verifica-se que só a partir de 1950 os livros didáticos começam a trazer textos voltados a leitura/ interpretação, o que contribui para o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Desse modo, Lucimara Del Pozzo Basso (s.d, p. 2) afirma que,

O PNLD, implementado na década de 1980, tem como objetivo principal contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica, a partir da avaliação, escolha e distribuição de materiais didáticos. Esses materiais (livros didáticos, livros paradidáticos, dicionários) fornecidos pelo MEC às escolas da rede escolar pública têm como função contribuir para o trabalho docente e para o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, o Programa Nacional do Livro Didático surgiu para melhorar a qualidade dos livros didáticos e assim contribuir com a educação; porém, no início do programa, os materiais didáticos só eram distribuídos para o que conhecemos hoje como ensino fundamental menor, apenas no final do século XX foi que surgiu a “Educação para Todos”. De acordo com Barbara da Silva Izidorio (2012, p. 18), “é somente em 1980 que aparece a real preocupação com os alunos carentes, com as diretrizes básicas do Programa do Livro Didático do Ensino Fundamental, ou seja, o PLIDEF”. Depois apareceu o Programa do Livro Didático do Ensino Médio (PLIDEM) e o Programa do Livro Didático do Ensino Supletivo (PLIDESU), três anos depois surgiu a FAE (Fundação de Assistência ao Estudante) com o propósito de desenvolver programas para ajudar os estudantes.

Outros programas foram implantados “como é o caso do SIS-CORT, Sistema de Controle de Remanejamento e Reserva Técnica, em 2005, cuja responsabilidade era de controlar o fornecimento dos livros” (IZIDORIO, 2012, p. 19). Em virtude disso, todos esses programas foram

criados com a finalidade de contribuir para a qualidade do livro didático e garantir esses materiais para os estudantes. Dessa forma, no *Guia do Livro Didático*, são apresentados os livros didáticos aprovados; no primeiro Guia lançado em 1996, segundo Lucimara Del Pozzo Basso (s.d., p. 5), os livros eram classificados da seguinte forma:

- Excluídos - livros que apresentavam erros conceituais, indução a erros, desatualização, preconceitos ou discriminações de qualquer tipo;
- Não recomendados - livros nos quais a dimensão conceitual apresenta insuficiência, sendo encontradas impropriedades que comprometessem significativamente sua eficácia didático-pedagógica;
- Recomendados com ressalvas - livros que possuísem qualidades mínimas que justificassem sua recomendação, embora apresentassem problemas que, se levados em conta pelo professor, poderiam não comprometer sua eficácia;
- Recomendados - livros que atendessem, satisfatoriamente, aos critérios de análise comuns e específicos utilizados pelo Programa.

De acordo com a afirmação, o livro didático era classificado em categorias: excluídos, não recomendados, recomendados com ressalvas, recomendados. Sendo assim, essa classificação auxiliaria o professor na escolha do seu manual, ou, talvez, induzisse esse professor a escolher os livros didáticos da categoria “recomendados”. Nessa perspectiva, no *Guia* de 1998 ocorreu uma mudança em relação à classificação dos livros:

Apenas as duas últimas categorias foram mantidas, acrescentando-se a categoria recomendados com distinção, sendo os livros não recomendados relacionados no final do documento. Além dessa mudança, também se adotou uma convenção gráfica, em que os livros eram classificados por números de “estrelas”, seguindo a seguinte classificação:

-  – Recomendados com distinção
-  – Recomendados
-  – Recomendados com ressalvas

(BASSO, [s.d.], p. 5)

Dessa maneira, o livro didático passou a ter três classificações (recomendados com distinção, recomendados e recomendados com ressalvas) e uma sequência de estrelas, verifica-se que todos são classificados como “recomendados”, porém cada um tem uma especificação, assim os livros que não são recomendados/ reprovados aparecem no final do Guia.

Nos guias publicados em 2001 e em 2004, “a categoria 'não recomendados' foi extinta, mantendo-se as demais categorias” (BASSO, [s.d.], p. 5). Diante disso, com a extinção da categoria não recomendados podemos intuir que talvez essa categoria constrangesse os autores desses livros reprovados, ou que dificultasse a comercialização dos livros em outros segmentos.

Nesse sentido, conforme Lucimara Del Pozzo Basso (s.d., p. 6) houve outra mudança: “em 2005, os livros avaliados recebem apenas a denominação aprovados ou recomendados”; essa nova forma de avaliação dos livros ficou mais abrangente, o que nos leva a pensar o que segue: com apenas duas classificações o professor terá menos opções? Ou o Programa Nacional do Livro Didático terá mais rigor na avaliação desses livros?

Como as representações sociais eram realmente fictícias - os livros apresentavam os fenômenos sociais de modo disfarçado e fantasioso, é possível concluir que “o livro didático não é um simples espelho: ele modifica a realidade para educar as novas gerações” (CHOPPIN, 2004, p. 557). De acordo com a afirmação, o livro didático representa a sociedade como perfeita, ocultando alguns erros, ou amenizando-os, como, por exemplo, os conflitos sociais, a violência, a intolerância. Os livros eram, e muitos ainda o são, pura alienação, se considerarmos o seu poder de argumentação.

Na sequência, como já verificarmos o percurso do livro didático, seus programas, passaremos a tratar do estudo metafórico, para entendermos um pouco mais sobre o assunto e assim prosseguirmos com a análise.

3. *Metáfora, uma simples figura de estilo, ornamento?*

Em função de nosso pressuposto, verificar como a metáfora vem sendo abordadas nos livros didáticos atuais, surgiram alguns questionamentos: Qual o conceito de metáfora? Houve mudanças quanto à conceituação da metáfora no decorrer dos anos? Como as metáforas eram e são abordadas no livro didático antigo e atual?

Diante disso, para Aristóteles (2001, p. 33), “a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia”. Por conseguinte, Aristóteles é um dos pioneiros na definição

de metáfora, e ele a denomina como a substituição de um termo por outro. Do mesmo modo que a gramática tradicional afirma que a metáfora “consiste [...] no emprego de um termo que se associa a outro ou que o substitui, baseando-se numa comparação de ordem pessoal e subjetiva” (FARACO & MOURA, 1997, *apud* FOSSILE, 2015, p. 11). A gramática tradicional define a metáfora na mesma perspectiva aristotélica, ambos a definem como figura de estilo, de ornamentação.

Dessa maneira, novos estudos surgiram a respeito da metáfora, trazendo novas visões; sendo assim, Max Black afirma o seguinte em relação à metáfora:

[...] cria mais do que identifica similaridades. O autor não é a favor da ideia de que se possa identificar, para cada ocorrência metafórica, uma declaração literal com igual valor. Ele sugere que a teoria da interação da metáfora é um modelo em que é aplicado ao sujeito principal da metáfora um sistema de implicações semânticas normalmente associadas ao sujeito secundário desta, para expressar um insight do sujeito primário. (FOSSILE, 2015, p. 11-12)

Desse modo, na visão de Max Black, a metáfora é muito mais do que uma substituição de termos, ela pode gerar novos significados, ele também defende que a metáfora não pode ser parafraseada, porque não dá para condensar os significados metafóricos em uma única paráfrase. Nesse sentido, Tony Berber Sardinha (2007, p. 15) concorda com a afirmação, pois “as metáforas são o instrumento que possuímos para criar novo conhecimento ou para dar conta de algo novo na ciência ou no cotidiano”. Assim sendo, percebemos que a metáfora, para esses autores, não é vista apenas como uma figura de estilo ou ornamento, mas ela gera insights cognitivos, traz algo novo. Nessa perspectiva, Tony Berber Sardinha (2007, p. 13-14) ressalta que

as metáforas são recursos retóricos poderosos e são conscientemente usadas por políticos, advogados, jornalistas, escritores e poetas. Entre outros, para dar mais ‘cor’ e ‘força’ a sua fala e escrita. Elas também são meios econômicos de expressar uma grande quantidade de informação. Ao mesmo tempo, são um modo simples de expressar um rico conteúdo de ideias, que não poderia ser bem expresso sem elas.

De acordo com a afirmação, Tony Berber Sardinha enfatiza que a metáfora é recurso retórico, porém muito criativo, e que está em todos os lugares, contendo uma carga significativa grande, o que colabora para o enriquecimento do nosso vocabulário, ajudando na interpretação/ entendimento e argumentação, e sendo uma fonte riquíssima e inesgotável de significação.

Segundo Heronides Moura (2012, p. 12), “assim como dependemos da imaginação para entender o mundo, dependemos também das metáforas para a comunicação. E elas são onipresentes: estão em todos os lugares”. Dessa maneira, as metáforas são essências e estão presentes em nosso cotidiano, nas propagandas, na ciência, em tudo, e assim percebemos que ela não faz parte só da literatura, visto que “interpretar uma metáfora é como tentar sair de um labirinto. Depois que você entra num labirinto, há muitos caminhos alternativos, e só alguns levam à saída” (MOURA, 2012, p. 31). Conforme a afirmação, a metáfora traz novos significados, porém selecionamos os significados cabíveis para a interpretação metafórica, mesmo porque as interpretações não são aleatórias, mas acontecem dentro do contexto/da situação em que a metáfora foi inserida.

Portanto, percebemos que a metáfora era vista de forma muito limitada, como um domínio apenas do campo literário, estilístico e ornamental; mas, os novos estudos apresentam a relevância da metáfora, em todos os meios, estando presente em todos os lugares, auxiliando-nos na comunicação e interpretação. Agora vamos verificar se ela continua sendo abordada nos livros didáticos atuais, como era abordada antigamente, apenas como figura de estilo.

4. *Analizando como a metáfora é abordada nos livros didáticos de língua portuguesa do século XX e XXI*

A metáfora é um campo instigante e relevante para o ensino de língua portuguesa; assim, nosso objetivo é verificar como a metáfora era abordada no livro didático antigo, antes do Programa Nacional do Livro Didático, e como está sendo abordada no livro didático atual, se continua sendo vista apenas como figura de estilo/ornamento, ou se houve progresso quanto à conceituação e abordagem.

Nessa perspectiva, utilizaremos a obra *Português para o Ginásio*, para a terceira e quarta séries, de José Cretella Júnior (1958), antes do Programa Nacional do Livro Didático, e a obra *Língua Portuguesa*, da coleção "Tecendo Linguagens", de Tania Amaral Oliveira et al. (2012), avaliada pelo Programa Nacional do Livro Didático, ciclo trienal de 2014, conforme já foi dito.

4.1. Livro didático do século XX

A obra *Português para o Ginásio*, de José Cretella Júnior, foi publicada em 1958, na cidade de São Paulo/SP, teve como editora a Companhia Editora Nacional, 40ª edição, contendo 222 páginas.

Na capa da obra consta “Antologia, Vocabulários, Exercícios, Biografias e Comentários para a terceira e quarta séries”, assim, menciona, de forma geral, o que contém no interior da obra. Dessa forma, José Cretella Júnior (1958, p. 7) apresenta a Portaria nº 966,

PROGRAMA MÍNIMO (portaria n.º 966), transcrito do *Diário Oficial da União* de 26/11/1951 (suplemento ao n.º 271) e rigorosamente confrontado com os *Planos de desenvolvimento dos programas mínimos do Ensino Secundário*, transcritos do *Diário Oficial da União* de 22/2/1952 (suplemento ao n.º 45, portaria n.º 1045) e com as *Instruções Metodológicas* para a execução do programa de português.

De acordo com a Portaria, são apresentadas as Instruções Metodológicas para a realização do programa, em virtude disso o autor não insere uma Introdução. Assim sendo, é apresentado o “Programa de Português Curso Ginásial”, dividido em terceira e quarta série. Na primeira instrução, cada capítulo está organizado de acordo com a sequência que o docente seguirá para ministrar sua aula, pois a forma como o autor escreve está direcionada ao educador. Na segunda instrução, continua guiando o professor e orienta-o a sempre partir da leitura do texto para as questões gramaticais, perpassando pela revisão de conteúdos trabalhados em séries anteriores, para poder prosseguir com os conteúdos da série em questão.

A partir do que foi mencionado, José Cretella Júnior (1958, p. 8) segue com as “Instruções Metodológicas para a execução do Programa de Português”. Sendo assim, serão apresentados caminhos que o professor terá que percorrer para a realização do programa. Essas instruções são divididas em duas: *redação, composição e análise literária*, e a outra, *gramática expositiva*, o autor explicará cada uma distintamente; focaremos nossa análise na primeira.

Na primeira instrução, no que concerne à *redação, composição e análise literária*, José Cretella Júnior (1958, p. 8) menciona:

Começará na 4ª série ginásial a composição livre, para a qual, além das indicações do professor, muito servem como recursos preliminares os exercícios de estilo e a análise literária elementar de textos breves, de preferência modernos.

Diante disso, o autor afirma que a produção textual começa na quarta série, sendo necessários os exercícios de estilo e a análise literária. Nessa perspectiva, sobre a análise literária e os processos estilísticos, José Cretella Júnior (1958, p. 8) comenta:

A análise literária, que já se pode esboçar nesta série, não considera só o gênero da obra, o plano, o desenvolvimento, os processos estilísticos. Cabe-lhe principalmente interpretar o pensamento do autor, examinar as relações entre o conteúdo e a forma, fazer sobressair a ideia ou o pensamento fundamental, apreciar em seguida as ideias ou os sentimentos acessórios e conduzir ao juízo crítico, estudando a obra em seu conjunto e situando-a no seu tempo.

Essas instruções são direcionadas tanto para o professor como para o aluno, pois este, na quarta série, precisará ter um pensamento crítico, saber interpretar; assim, ele terá que traçar relações entre os conteúdos e compreender a ideia principal. Nesse sentido, a análise literária toma uma proporção de aprofundamento do conhecimento.

Dessa forma, o autor explica, de forma minuciosa, os passos que o professor terá que seguir para alcançar um desempenho profícuo em sala de aula, fazendo o estudo do idioma em geral e como trabalhar os conteúdos de forma que o aluno não tenha que memorizar regras. Ambas as instruções são caminhos que o professor percorrerá na prática, para que possa chegar à aprendizagem dos alunos. Nessa perspectiva, é relevante ressaltar que a Quarta Série Ginásial corresponde, atualmente, ao Nono Ano do Ensino Fundamental, o qual será nosso foco.

A metáfora é classificada nesse livro didático como uma figura de estilo, a “figura é o afastamento ou desvio que se verifica na pronúncia, na forma, na construção ou no significado das palavras” (CRETELLA JÚNIOR, 1958, p. 165). De acordo com a afirmação, a metáfora, sendo uma figura de estilo, para o autor, representa um desvio do que é padrão, da norma. Nesse viés, a metáfora é abordada dentro do capítulo “Linguagem figurada”, onde José Cretella Júnior (1958, p. 172) a define da seguinte forma:

Metáfora. É a transposição ou transferência do significado próprio de uma palavra para um significado figurado, em virtude de qualquer ponto de semelhança existente entre ambos.

Nada mais é do que uma comparação resumida, que prescinde dos elos gramaticais comumente empregados quando comparamos dois objetos. Tais elos gramaticais são os vocábulos *como*, *qual*, *tal*, *assim* e as expressões *semelhante a*, *idêntico a*, *tal qual*, *analogamente a*, etc. A comparação coloca em confronto dois objetos para frisar-lhes as semelhanças ou contrastes.

Se dissermos *Esta mulher é má como uma víbora* ou *Fulano tem coração duro como a pedra*, teremos duas comparações.

Se dissermos, porém, *Esta mulher é uma víbora*, ou *Fulano é um coração de pedra*, teremos duas metáforas.

A metáfora deve ser *clara*, *justa*, *natural*, *nobre*, *lógica*, *original*.

Dessa maneira, a metáfora é vista como a substituição de um termo por outro (sentido próprio para o figurado), o que nos lembra da definição aristotélica, que é concernente a gramática tradicional; assim, José Cretella Júnior (1958) ainda enfatiza que é uma simples comparação resumida. Diante disso, vamos agora verificar como é abordada a metáfora no livro didático do século XXI.

4.2. Livro didático do século XXI

O livro didático *Língua Portuguesa*, da coleção "Tecendo Linguagens", de Tania Amaral Oliveira *et al.*, foi publicado em 2012, pela editora IBEP, 3ª edição, contendo 248 páginas.

Os autores apresentam na capa as cores branca e azul, tendo no fundo linhas coloridas, tipo de crochê, essas linhas estão entrelaçadas, simbolizando o tecer, o construir, fazendo assim uma alusão ao título da coleção: "Tecendo Linguagens". Também encontramos, na capa, adolescentes de várias raças, negros, brancos, japoneses, pardo, o que nos leva a pensar na miscigenação de raças, no tecer da nossa cultura, onde várias raças se entrelaçam, formando uma mistura étnica. Além disso, essa obra indica que faz parte do ciclo trienal do Programa Nacional do Livro Didático (2014, 2015, 2016).

Devemos destacar que os autores colocam "Apresentação" no lugar da "Introdução". Dessa maneira, a "Apresentação" é dirigida ao aluno; assim, Tania Amaral Oliveira *et al.* (2012, p. 3) iniciam a "Apresentação" ressaltando:

Caro aluno e cara aluna,

Não sabemos quem são vocês, mas imaginamos que estejam curiosos para saber o que lhes trazem as páginas deste livro. Por isso adiantamos algumas respostas. Esta obra foi escrita especialmente para você que gosta de fazer descobertas por meio de trabalhos individuais ou em grupo e de se relacionar com as pessoas ao seu redor.

Para vocês que gostam de falar, de trocar ideias, de expor suas opiniões, impressões pessoais, de ler e escrever, foram preparadas atividades que, certamente, farão com que gostem mais de estudar português. Estão duvidando disso? Aguardem os próximos capítulos e verão que estamos certos.

Nesse sentido, os autores tecem uma conversa informal e descontraída, para com os alunos leitores desse livro didático, eles vão ressaltando para quem foi feito esse material e elencando algumas característi-

cas do perfil desses alunos, instigando-os a curiosidade de lerem esse material. Os autores afirmam que,

este livro traz algumas ferramentas para tornar as aulas bem movimentadas, cheias de surpresas. Você terá oportunidade de ler e interpretar textos dos mais variados gêneros: narrativas de ação, de suspense, de ficção científica, causos, mitos, e lendas do Brasil e de outras regiões do planeta, textos teatrais, poemas, textos retirados de revistas e jornais, textos instrucionais, histórias em quadrinhos e muito mais.

Mas não estamos rodeados apenas de textos escritos. Vivemos num mundo em que a imagem, o som e a palavra falada ou escrita se juntam para construir atos de comunicação. Por isso, precisamos desvendar o sentido de todas essas linguagens que nos rodeiam para melhor interagir com as pessoas e com o mundo em que vivemos. Assim, descobrimos os múltiplos caminhos para nos comunicar. (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 3)

Dessa forma, continuam expondo o que o livro propõe a esses estudantes, apresentando uma proposta de trabalhar a leitura e a interpretação de textos com os diversos gêneros textuais; os autores trazem a visão de que é relevante os alunos conseguirem interpretar qualquer gênero textual, seja ele escrito, imagem, som ou falado: os discentes precisam dominar a linguagem. Tania Amaral Oliveira *et al.* (2012, p.3) concluem a apresentação do livro dizendo

Acreditem: vocês têm uma capacidade infinita e, por isso, a responsabilidade de desenvolvê-la. Pesquisem, expressem suas ideias, sentimentos, sensações; registrem suas vivências; construam e reconstruam suas histórias; sonhem, emocionem-se, divirtam-se, leiam por prazer; lutem por seus ideais, aprendendo a defender as suas opiniões oralmente e por escrito. Não sejam espectadores na sala de aula, mas agentes, alunos atuantes. Assim darão mais sentido às atividades escolares, melhorarão seu desempenho nessa área e, com certeza, descobrirão a alegria de aprender.

Nessa perspectiva, eles concluem a apresentação, encorajando os estudantes a serem mais participativos, para não ficarem na mesmice, a terem opinião própria, a sempre buscar com os estudos crescerem cada vez mais, porque eles têm capacidade para buscar, inovar e criar.

O livro é bem colorido e dinâmico, contendo quatro unidades e cada unidade com dois capítulos. Temos no primeiro capítulo, “Amor e Poesia”, da segunda unidade “Vida de adolescente”, a *Prática de leitura*, que traz um fragmento do romance *O carteiro e o poeta, adaptado de Antonio Skármeta*. Ao final do texto, os autores apresentam uma atividade intitulada *Por dentro do texto*, que auxilia o aluno na interpretação e entendimento do texto abordado, essa atividade contém doze questões, na metade do exercício, temos a seguinte pergunta:

6. Segundo a personagem do texto, o poeta Pablo Neruda, o que é uma metáfora? Retire do texto a explicação.

(OLIVEIRA et al., 2012, p. 60)

Conforme o exposto, é a partir daqui que a metáfora surge nesse manual didático, eles querem que o aluno retire do texto a definição de metáfora feita pelo personagem, assim, o estudante irá começar a pensar sobre o assunto. E logo abaixo dessa questão, os autores trazem um quadro denominado *Importante saber*, onde eles apresentam a definição e explicação sobre metáfora.

Importante saber

Como já vimos, os escritores fazem o uso da **linguagem conotativa**, ou seja, da linguagem figurada para atribuir novos significados às palavras.

↳ **Metáfora** é a figura de linguagem semântica que emprega um termo com o significado de outro, tendo em vista uma semelhança entre ambos.

Entretanto essa aproximação das semelhanças não é estabelecida com o emprego de elementos linguísticos comparativos: como, tal que, igual a etc.

Imagine que o poeta se referisse ao mar empregando esta frase:
O **mar** é um **monstro verde** que golpeia a pedra.

Nela ocorre uma metáfora, pois houve a aproximação semântica entre os termos: **mar** e **monstro verde**.

O **mar**, no contexto, tem essas características: violento, forte e sua cor é esverdeada.
O **monstro** é forte, violento, pois golpeia a pedra, umedece-a, embora a beije e sua cor é verde.

A metáfora na frase foi construída a partir das características comuns: violência, força e cor esverdeada.

(OLIVEIRA et al., 2012, p.60).

De acordo com a explicação, a metáfora é classificada como uma linguagem conotativa, sendo uma figura de linguagem que é empregada como a substituição de um termo por outro, porém tendo algo em comum, também a metáfora vista como uma comparação, só que, sem os elos comparativos.

Desta forma, a definição que esses autores trazem nos lembra, a definição de metáfora feita por Aristóteles, logo abaixo desse quadro elas continuam com as perguntas sobre o texto, Tania Amaral Oliveira et al. (2012, p. 60) apresentam, na sequência, mais duas questões sobre metáfora.

7. Mais adiante, nesse mesmo romance, Mário diz à sua namorada que seu sorriso é uma borboleta. Explique a metáfora que o carteiro construiu com essa frase.

8. Agora, com os pares de palavras do quadro, tente construir metáforas.

mar e manto

casa e paraíso

vida e tempestade

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ainda sobre o texto, os autores querem na sétima questão, que os alunos interpretem a expressão metafórica retirada do texto. Já na oitava, eles pedem para os estudantes criarem metáforas a partir das palavras apresentadas, nesta questão são exibidos pares de palavras, dos quais o aluno verificará algum ponto em comum entre as duas palavras, para assim criar a metáfora. E as duas últimas perguntas desse exercício são voltadas para a metáfora.

11. Nos trechos seguintes, você encontrará metáforas que são consideradas gastas, isto é, já foram tão usadas, que se tornaram clichês e, por isso, não causam mais o efeito pretendido por quem as usa. Explique o elemento comum que tornou possível a aproximação entre os termos.

- a) O futebol é uma caixinha de surpresas.
- b) Seus dentes formavam um colar de pérolas.
- c) Ele tem uma vontade de ferro.

12. Volte ao texto e tente formar metáforas com as ideias que ele expressa usando os pares selecionados.

mar e cavalo

um desejo e pássaro invisível

palavras e mar agitado

(OLIVEIRA *et al.*, 2012, p.60-61).

Na questão onze são apresentadas as metáforas consideradas gastas, metáforas corriqueiras, das quais acessamos o sentido imediatamente; eles querem saber qual a relação, a aproximação de sentido dessas palavras, para que se forme a metáfora. A décima segunda questão é bem parecida com a oitava apresentada anteriormente, porém nesta, as metáforas a serem formadas utilizaram as ideias do texto, enquanto na oitava havia liberdade para criar.

Nesse mesmo capítulo temos o texto quatro, o poema "Essa que eu Hei de Amar", de Guilherme de Almeida; na sequência tem a atividade, *Por dentro do texto*, sobre o poema – esta atividade é composta por sete perguntas, sendo que na quinta questão é abordada a metáfora, conforme verificamos abaixo:

5. Que oposição de ideias é apresentada na primeira estrofe? Identifique-a e explique o significado da metáfora presente nesse verso.

(OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 67)

Nesta questão, os autores querem que os alunos identifiquem as ideias opostas contidas no poema e expliquem, comentem o que entenderam sobre a metáfora presente no texto. No capítulo primeiro, “As faces

da violência”, da unidade três, “Face a face”, os autores apresentam no texto dois, a crônica *Assim caminha a humanidade* de Rachel de Queiroz, e posteriormente o exercício *Texto e construção*, que auxiliará o aluno a interpretar o texto - a atividade é composta de cinco questões, sendo que duas delas abordam a metáfora, segundo Tania Amaral Oliveira *et al.* (2012, p. 113), é necessário que o aluno

3. Identifique, entre as palavras em negrito no texto, uma metáfora de **automóvel** e explique o sentido que tem no texto.
 - a) A crônica usa a expressão **totem de nossa era** também como uma metáfora de **carro**. O que ela significa? Se necessário, procure o sentido da palavra no dicionário.
 - b) Identifique no texto outra metáfora relativa ao automóvel e explique o sentido que tem no texto.
4. O que se pode concluir a respeito da importância dessas metáforas na construção da crônica?

Na questão três, letra *a*, os alunos terão que explicar a metáfora em destaque, utilizada na crônica para carro e na letra *b* identificarem e apresentarem o sentido para outras metáforas sobre carro contidas no texto. Na questão quatro, o aluno precisa falar sobre a relevância da metáfora na construção da crônica. Visto que, logo em seguida dessa atividade, os autores vão tratar dos recursos de coesão, e eles afirmam que a metáfora é um desses recursos, o que nos lembra da metáfora relacionada a ornamento, a estilística.

Os autores apresentam ao final do livro o *Apêndice*, nele consta um resumo dos conteúdos abordados no decorrer do manual, dessa maneira, no resumo das figuras de linguagem, Tania Amaral Oliveira *et al.* (2012, p. 240) trazem,

XVI. Figuras de linguagem

1. Metáfora: Comparação implícita, relação de semelhança, que resulta na atribuição de novos sentidos às palavras.

“Amor é fogo que arde sem se ver [...]” (Camões)

“Amar é mudar a alma de casa.” (Mário Quintana)

De acordo com a explicação, eles afirmam a metáfora como uma comparação implícita, sem os elos comparativos, também é vista como troca/ substituição de termos por palavras semelhantes, aqui eles afirmam que a metáfora resulta na atribuição de novos sentidos. Verificamos que a metáfora abordada neste material é concebida apenas no âmbito da literatura, como uma figura de linguagem, mas, apenas ao final do livro, em um resumo, eles afirmam que a metáfora pode atribuir novos sentidos.

Diante disso, a metáfora em ambos os livros didáticos é apresen-

tada apenas como uma figura de linguagem, ornamento, substituição de termos, vista apenas na literatura, porém, concordamos com Heronides Moura (2012), que afirma que a metáfora está em todos os lugares: na religião, no cotidiano, na charge, na ciência, entre outras. Apesar de existir teorias que apontam para o valor cognitivo da metáfora e que ela não faz parte apenas da literatura, os livros didáticos ainda a conceituam de forma tradicional. Nessa perspectiva, o aluno aprende a metáfora de forma tradicional.

Portanto, a metáfora, tanto no livro didático antigo, antes do Programa Nacional do Livro Didático, como no livro didático atual, avaliado pelo Programa Nacional do Livro Didático, traz a mesma visão, tradicional, sobre conceituação e abordagem.

5. Considerações finais

O objetivo geral dessa pesquisa foi verificar como a metáfora era abordada, explicada no Livro Didático do 9º ano do ensino fundamental do século XX, antes do Programa Nacional do Livro Didático, e no do século XXI, avaliado pelo Programa Nacional do Livro Didático; se houve progresso ou não. Dessa forma, verificamos que não houve avanço quanto à explanação da metáfora nos livros didáticos, eles continuam tratando-a como uma figura de linguagem que serve para ornamentar, sendo vista como simples substituição de termos, comparação implícita e fazendo parte apenas da literatura.

Apesar de o livro didático atual ter passado pela avaliação do Programa Nacional do Livro Didático, percebemos que ele continua com alguns conceitos tradicionais, como é o caso da metáfora, o que é um fato preocupante, pois continuam sendo disseminados livros didáticos com teorias desatualizadas, levando alunos e professores a continuarem vendo a metáfora de forma superficial e com alguns conceitos até ultrapassados.

Visto que, o livro didático é utilizado como principal ferramenta de estudo-aprendizagem, tanto pelos alunos como pelos professores, ele contribui significativamente para o ensino. Portanto, o material didático é relevante para a sala de aula, assim como a linguística-semântica é para o ensino, mesmo sendo pouca abordada nesses materiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Arte poética*. Domínio público. p. 33-53, 2001. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>>.

Acesso em: 25-06-2016.

BASSO, Lucimara Del Pozzo. *Estudo acerca dos critérios de avaliação de livros didáticos de ciências do PNL D – período de 1996 e 201*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), [s.d.].

BUNZEN JÚNIOR, Clecio dos Santos. *Dinâmicas discursivas nas aulas de português: os usos do livro didático e projetos didáticos autorais*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez.2004.

CRETELLA JÚNIOR, José. *Português para o ginásio: terceira e quarta séries*. 40. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1958.

FOSSILE, Dieysa Kanyela. *Metáforas verbais: um estudo analítico-descritivo*. Palmas: Eduft, 2015.

IZIDORIO, Barbara da Silva. *Livro didático de língua portuguesa: uma análise discursiva*. 2012. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Gramática de Texto). – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão.

MOURA, Heronides. *Vamos pensar em metáforas?* São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

OLIVEIRA, Tania Amaral et al. *Língua portuguesa, 9º ano*. Coleção "Tecendo Linguagens". São Paulo: IBEP, 2012.

SARDINHA, Tony Beber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.